

**ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: UMA LEITURA SOB A
ÓTICA DA RESPONSABILIDADE E DOS SÍMBOLOS**

**BLINDNESS: A READING BY THE RESPONSIBLE AND
SYMBOLIC VIEW**

Ulisses Coelho da Silva¹⁹

Aline Conceição Job da Silva²⁰

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir representações dos personagens em relação à simbologia bíblica localizada no texto *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, aproximando-os de personagens históricos conforme citações apresentadas no seu desenvolvimento. Através da discussão entre os símbolos semióticos, a ideia de distopia e de responsabilidade, a reflexão de certos comportamentos dos personagens remetem a passagens bíblicas, de modo a gerar uma chave de leitura que considere tais parâmetros.

Palavras-chave: Ensaio sobre a cegueira; Saramago; Símbolo; Ética; Responsabilidade.

Abstract: This article aims to discuss representations of the characters in relation to the biblical symbology located *Blindness* (1995), of José Saramago, approaching them with historical characters according to the citations presented in their development. Through the discussion between semiotic symbols, the idea of dystopia and responsibility, the reflection of certain behaviors of the characters refer to biblical passages, in order to generate a key of reading that considers such parameters.

Key words: *Blindness*; Saramago; Symbol; Ethic; Responsibility.

¹⁹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras - Universidade Federal de Pelotas - ulisses.1986@hotmail.com

²⁰ Professora no Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Doutoranda em Teoria da Literatura na PUCRS.

“The Ethical can therefore end up making us irresponsible.”
Jacques Derrida

Talvez, as palavras que mais se destaquem em meio à discussão sobre uma literatura distópica e/ou apocalíptica (ou ainda pós-apocalíptica) sejam ética e responsabilidade. No entanto, tais palavras e seus conceitos se fundamentam numa filosofia logocêntrica, em que o *logos*, antes de qualquer outra entidade, seja o elemento de valor da existência.

Então, partindo das possibilidades de jogo neste conjunto de palavras, literatura distópica, literatura apocalíptica – e já se percebe nesta relação sintagmática a força determinante do adjetivo –, ética e responsabilidade, chega-se antes a uma aporia imaginativa de um futuro antes sombrio e terrível do que a um futuro em que a humanidade atinja algo como um ecologismo.

Então, novamente, é possível que tal versão (de verso, como em multi-verso) de mundo revele relações que, somente na ausência de todos os modelos sociais, políticos e religioso, uma perspectiva do ser humano distanciado de e abandonado por qualquer sistema de controle social que se tenha conhecimento se torne acessível. Talvez, seja nas literaturas que mundos possíveis assim se construam quase que simulatoriamente para um teste do modelo em questão.

Parece haver uma trajetória de gêneros literários nas “histórias” das literaturas de diferentes países. Quer dizer, observa-se em diferentes literaturas certos processos identitários de afirmação de uma cultura: tem-se, por exemplo, as literaturas de formação (tanto das nações como de sujeitos) como possível ponto de partida em diversos contextos literários, assim como narrativas míticas que dão conta de um tempo pré-logocêntrico. Não obstante isso possa parecer uma generalização, tal reflexão pode ser comprovada numa breve busca nas literaturas de diferentes países.

Por outro lado, literaturas distópicas e apocalípticas parecem não receber a devida legitimação²¹, ainda que, até a primeira metade do século XX, tenham títulos significativos, tanto esteticamente quanto em termos de recepção, na produção literária ocidental. O mundo, talvez, diante do terror do “deserto do real”²² tenha decidido que não mais necessitava de tais literaturas.

É no final do século XX e nos primeiros anos do século XXI (e tem seguido até a primeira metade da segunda década) que os temas distópicos e apocalípticos retornam com grande força, ainda que as críticas literária e de cinema prefiram “torcer o nariz” para títulos dentro deste grupo. As literaturas de língua portuguesa, por sua vez, não se decicam sobremaneira à escrita de textos que sejam considerados distópicos ou apocalípticos, mas alguns autores já empreenderam textos inseridos em tais universos na literatura brasileira, por exemplo: Chico Buarque (*Fazenda Modelo*, 1974), Maria Alice Barroso (*Um dia vamos rir disso tudo*, 1976), Ignácio de Loyola Brandão (*Não verás país nenhum*, 1981), Victor Giudice (*Bolero*, 1985)

Não é com zumbis comedores de cérebros ou com um vírus que transforma toda a humanidade em vampiros deixando apenas alguns poucos humanos imunes, mas é com uma “epidemia” de cegueira que um texto em língua portuguesa recebe destaque da crítica e da academia.

Ensaio sobre a Cegueira, publicado pela primeira vez em 1995, é um texto que põe por terra a crença de que os seres humanos são bons por natureza. O livro de José Saramago mostra a fragilidade de uma suposta ética, pois relata a dissolução das estruturas coletivas e individuais sociais a partir da perda de um dos sentidos humanos, a visão.

²¹ Os temas da distopia e do apocalipse, embora não receba destaque em alguns nichos literários, muito em parte porque faz parte do gênero ficção científica, são comuns em filmes, jogos e histórias em quadrinhos. Exemplos: *Mad Max*, *Blade Runner*, *Matrix*, *28 Days* – filmes; *Half-life*, *Fallout*, *Bioshock*, *Destiny* – jogos; *V for Vendetta*, *Watchmen*, *Akira* – histórias em quadrinhos.

²² Termo utilizado por Slavoj Žižek em seu livro *Welcome to the desert of the real* (2002).

No livro, a tal “epidemia” de cegueira começa sem aviso e também parte sem aviso, deixando, entretanto, um vazio epistemológico que dê conta do ocorrido. Logo que as características da cegueira são identificadas, passa-se a chamá-la de “mar de leite”, pois, em vez de ser preta – como as cegueiras conhecidas pela medicina –, esta, diferentemente, se dá como uma luz branca fortíssima.

Interessante é pensar no nascimento deste novo mundo a partir da luz, pois, em diversas escrituras sagradas, a vida surgiu do caos e da escuridão, trazendo a luz. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, no entanto, a luz vem trazer o desespero, a dor, a morte e todo o horror que a humanidade é capaz de praticar. Em vez de apresentar uma relação binária entre luz e escuridão e seus valores logocêntricos, Saramago faz com que a interpretação de tais conceitos com suas acepções usuais não tenha sentido no contexto em que vivem seus personagens.

Em *Ensaio*, e há ainda que se discutir o uso do termo no título do romance, é possível observar que os valores tradicionais pré-estabelecidos são dissolvidos, uma vez que uma nova ordem se faz presente. Assim, pessoas que, antes, eram “mal vistas” aos olhos da sociedade, quando estes param de funcionar, podem se tornar pessoas de valor ou pelo menos iguais as que se julgam como tal. Um exemplo disso é a “rapariga dos óculos escuros”, uma garota de programa que, em meio ao caos da cegueira, assume um papel de mãe para um menino orfanado pela “epidemia”, o “menino estrábico”, e ainda mais adiante na narrativa, se mostra capaz de amar o Outro não pela beleza física e sim pelos valores apresentados *a posteriori*, estabelecendo, inclusive, um relacionamento com o “velho da venda preta”.

Isso ilustra a discussão que se faz presente no texto sobre os papéis e as identidades pré-estabelecidas dentro de sociedades ocidentais com forte inclinação judaico-cristã, em que aquilo que se pensa sobre o sujeito vem antes da própria existência do sujeito. Ou seja, a “rapariga dos óculos escuros” não poderia ser uma mulher com características humanas e sociais positivas, pois, sendo

uma prostituta, o conceito lhe antecede e a determina como um sujeito abjeto (e objeto).

Percebe-se, assim, fortes relações de presença na ausência e de ausência na presença no que seria o par de oposição bom e mau, mas a narrativa nunca fecha esses modelos, deixando sempre algo no devir interpretativo. Tais possibilidades de consideração do que seria uma essência humana, ou seja, a bondade e a maldade existentes e inexistentes ao mesmo tempo, revelam impasses existenciais já presentes no texto das Escrituras Sagradas da Igreja Católica, tanto do Velho como do Novo Testamento.

A filosofia ocidental, de Santo Agostinho a Jacques Derrida (pós-estruturalista), se constrói muito em parte numa relação com um visão judaico-cristã de mundo. São em debates e reflexões de diversos filósofos que questões presentes na Bíblia retornam ao campo da discussão, sendo revisitadas de modo a oferecer outras interpretações dos significados e dos símbolos presente nesse texto.

Portanto, num diálogo não dual é que se faz uma leitura de *Ensaio sobre a cegueira*, relacionando algumas passagens bíblicas com passagens da narrativa de Saramago, bem como com algumas outras possibilidades interpretativas.

Seja com Michel de Montaigne ou com Francis Bacon, a ideia de “ensaio” se coloca tanto como uma escritura da tentativa, do teste, como uma escritura da brevidade, do texto que não fecha, não encerra o significado. Em *Ensaio sobre a cegueira*, também há uma tentativa, algo como a construção de um microcosmo representado no prédio de um manicômio, para onde os primeiros cegos são levados, e que valha como a ilustração do resultado de uma circunstância inaudita e imprevista. É nesse microcosmo que a distopia pela qual toda a cidade, e talvez o mundo, está vivenciando revela toda a sua crueza. Portanto, talvez tentando (do inglês *essay: trial, attempt*), Saramago representa em cada um desses personagens todo e qualquer indivíduo.

Nenhum dos personagens principais é chamado pelo nome e sim por apelidos ligados; estes se associam por características físicas, o que seria incoerente, já que ninguém vê.

Parece existir uma relação que estabelece o contágio entre os cegos, embora não se tenha certeza de como a cegueira é adquirida ou transmitida. Alguns dos personagens da primeira camarata do antigo manicômio foram pacientes do “oftalmologista”, terceiro personagem a cegar e, com ele, está a sua esposa, que não cega durante a narrativa (a não ser no parágrafo final da narrativa) e através das descrições desta mulher é que tem o relato de muitos acontecimentos que se dão dentro da camarata, do manicômio e nas imediações do prédio (isso, até a saída do grupo de cegos da primeira camarata do manicômio, porque, a partir deste momento, ela também representa os olhos dessas pessoas no mundo).

A esposa do Oftalmologista é uma personagem bastante peculiar, pois, entre todos os personagens dentro dessa realidade social, ela parece ser a única a não contrair a cegueira e também a que não parece não possuir medo de contaminar-se. Alguns dos personagens, quando são tomados pelo medo de não enxergar, é que veem o “mar de leite”, o que sugere a cegueira como sendo de causa emocional; além disso, o primeiro a adoecer, ao ser examinado, não apresenta qualquer problema físico e, em uma primeira análise, seus olhos estão em perfeito estado. Há um trecho em que um cego o qual não se identifica diz: “...já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos...” (1995; 131). Esta treva branca pode ser entendida como uma metáfora de que o esclarecimento não garante a sabedoria. Sobre a metáfora, Eco nos diz:

A metáfora enriquece nosso conhecimento da enciclopédia porque incita a descobrir novas propriedades das entidades em jogo, não porque nos faça ficar numa zona interpretativa vaga em que não se sabe que entidades estão em jogo (ECO, 1991, p. 212).

A esposa do médico desempenha função primordial em todo o romance, ajudando a todos e todas que estão ao seu alcance. Através dos olhos dela, que por vezes é narradora também, que o desenrolar do enredo se dá, tendo, bem provavelmente, a função de personagem principal. O personagem dessa mulher é

representado como uma pessoa de caráter íntegro, mas que, apesar disso, comete um homicídio, o que gera questionamentos, fazendo com que o leitor pense sobre a capacidade humana de atitudes drásticas, dependendo da situação. O homicídio cometido por ela ocorre após uma sequência de estupros coletivos, praticados e causados coletivamente, sendo perpetrados por homens de outra camarata. Os estupros ocorreram como resultado da exigência desses homens, os “maus cegos”, para que as outras camaratas tivessem acesso à comida que deveria ser de todos e todas.

Os atos de violência contra as mulheres do manicômio ocorrem por certo período de tempo e são segurados pela posse de uma arma de fogo: objeto que desequilibra relações de convivência já desequilibradas. Praticamente todas as mulheres são estupradas. No momento em que as mulheres, algumas delas casadas, são trocadas por comida, parece que os cegos do manicômio perdem toda a dignidade, tornando-se seres irracionais que agem somente por instinto e necessidade. Após um protesto inicial de repúdio em relação a este “pedido” dos cegos da 3ª camarata, todos e todas acatam a ordem, especialmente os homens, pois a maioria considera melhor ter o que comer do que morrer de fome. Ainda que contrariadas e revoltadas, tanto com os “maus cegos” quanto com os “bons cegos”, as mulheres se colocam na posição de criaturas oferecidas ao sacrifício. A primeira a se pronunciar e dizer que iria foi a “mulher do médico” que disse: “Eu vou...”. (1995, p. 167), ao que todas a seguiram. Antes tomar a decisão por si mesmas do que acatarem à decisão dos homens.

O “primeiro cego” não queria aceitar “ceder” sua mulher para tal ato “...uma pessoa começa por ceder nas pequenas coisas e acaba por perder todo o sentido da vida...” (1995, p. 167). Simone de Beauvoir escreveu em *O Segundo Sexo*: “Não é porque simboliza a virgindade feminina que a integridade fascina o homem: é seu amor à integridade que torna preciosa a virgindade” (1970, p. 67). Assim, não é o amor à integridade da mulher por ela mesma, mas, sim, a integridade como conceito daquilo que o homem considera como sua propriedade, a virgindade ou o sexo da mulher.

Enquanto o marido, o primeiro cego, pretende manter as relações de posse e opressão que o casamento como instituição social ocidental asseguram, a sua mulher encerra as divergências dizendo: “Sou tanto como as outras, faço o que elas fizerem...” (1995, p. 168).

E sete mulheres naquele dia lançarão mão de um homem, dizendo: Nós comeremos do nosso pão, e nos vestiremos do que é nosso; tão-somente queremos ser chamadas pelo teu nome; tira o nosso opróbrio (Isaías 4:1).

Não havia muitas mulheres na primeira camarata, de modo que apenas sete teriam que se submeter ao terror dos estupros que estavam por acontecer. Há, nessa sequência, o simbolismo do número 7 e junto com ele uma referência bíblica que ocorre em *Ensaio*, pois são essas sete mulheres que aceitam obedecer à reivindicação da terceira camarata, numa espécie de troca em que servem também como mercadoria. Até mesmo a mulher do primeiro cego, ignora o sacramento do matrimônio para se igualar as outras.

Diante dessa iminente vergonha que estavam por sofrer, as mulheres se “entregam”, como afirma um dos narradores, para os companheiros de dormitório: “...era como se as mulheres quisessem encher a própria memória de sensações experimentadas voluntariamente para melhor se poderem defender da agressão...” (1995, p. 169). As mulheres se dividiram entre os homens ativos de suas camaratas e a mulher do primeiro cego “fez, embora discretamente, o que fizeram as outras, como ela própria avisara...” (1995, p.169), ao alcance dos olhos do próprio marido que não enxergava e provavelmente não faria questão de visualizar tal ato.

Já antes deste ponto se percebe uma dissolução das estruturas sociais como se conhece: os direitos civis e humanos deixam de ter validade, o governo mais do que nunca legitima um estado de excessão em que as pessoas não têm mais poder sobre suas individualidades, esse mesmo governo instaura uma segregação de parte da comunidade. É a essência da distopia ganhando corpo.

Pode-se, então, observar o apagamento de uma série de instituições sociais, por exemplo, o hospital que não serve para curar, o manicômio que passa a abrigar outras pessoas que não loucos, as relações sociais entre indivíduos se subvertem e os papéis exercidos pelos indivíduos também. Uma das instituições que parece se dissolver na cena que antecede o estupro é a do casamento.

O termo matrimônio data do século XV, sendo assim, a instituição do casamento como algo sagrado defendido pela Igreja Católica, assim como a fidelidade do casal, é uma construção social europeia. É nesse período, Baixa Idade Média, que as principais estruturas feudais se encontram em transição e toda a Europa se modifica diante da crise desta forma de produção. O casamento, como estrutura legal de consolidação da propriedade privada e da hereditariedade de bens através da monogamia entre homem e mulher, é uma das estruturas que resultam desse período, ainda que as traduções para outras línguas além do latim usem a palavra.

Portanto, o que se apresenta nessa situação é tanto a ruptura do que seriam as obrigações do matrimônio de acordo com a Bíblia: a fidelidade e a união do casal pelo sexo; o que configura, também, o rompimento de uma estrutura patriarcal em que o casamento ainda permanece na base da sociedade e ainda se mantém como instituição legal.

Na definição da família patriarcal, temos uma família numerosa, composta não só do núcleo conjugal e de seus filhos, mas incluindo um grande número de criados, parentes, aderentes, agregados e escravos, submetidos todos ao poder absoluto do chefe de clã, que era, ao mesmo tempo, marido, pai, patriarca. O termo *patriarcalismo*, designa a prática desse modelo como forma de vida própria ao patriarca, seus familiares e seus agregados.) (RABONI, 2008).

É possível fazer uma comparação disso com uma teia, em que cada nó implica em outro e, quando um se desata, todos os outros se desenredam. Em outra situação semelhante, o

“oftalmologista” vai à cama da “rapariga dos óculos escuros” e os dois têm relação sexual, próximos aos olhos da esposa do Doutor que, por sua vez, podia ver, viu o que não queria e não interferiu na situação.

Assim estava quando viu o marido levantar-se e, de olhos fixos, como um sonâmbulo, dirigir-se à cama da rapariga dos óculos escuros. Não fez um gesto para o deter. De pé, sem se mexer, viu como ele levantava as cobertas e depois se deitava ao lado dela, como a rapariga o recebeu sem protesto, como as duas bocas se encontraram... (SARAMAGO, 1995, p. 171).

Terminado o ato, a esposa calmamente vai até cama a qual o marido se encontra e sussurra, no ouvido da rapariga, “Eu vejo” (1995, p. 172); ao contrário do que espera o senso comum, as duas dialogam e isso estreita a relação entre as duas, a suposta traição (pensando ainda a partir de uma sociedade com a lógica de que o casamento exige fidelidade) as une, a amante e a mulher “traída”. Esta última, após seu marido lhe dizer que não mais queria aquele catre, conduziu-o docemente para a cama que dividiam e ainda, de alguma forma, consolou a rapariga antes desse desfecho. “E estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, assentadas defronte do sepulcro” (Mateus 27:61). Pode-se interpretar essa passagem como uma das primeiras em que a esposa do médico como tem um papel semelhante ao de Maria, pois, ali, está a santa a consolar prostituta. Segundo Umberto Eco, “...a etimologia de símbolo é reveladora, porque as duas metades da moeda ou da medalha partida remetem, é verdade, uma à outra até quando uma aparece como presente e a outra está ausente...” (1991, p. 132). Trazendo para a realidade ainda contemporânea, questiona-se quantas esposas não perdoam traições de seus maridos desde que eles retornem para casa e preservem a constituição da família e desde que a sociedade faça vistas grossas e não censure tal ato; é ficar cega e não enxerguar aquilo que não se quer ver, agindo de forma a evitar aquilo que seria a sua autodestruição.

No dia seguinte, seria o momento de pagar o tributo para que a primeira camata recebesse a sua porção de comida confiscada pelos “cegis maus”; estes foram até a primeira camarata e lá perguntaram quantas mulheres havia e, quando descobriram que eram sete, um deles disse: “... vocês vão ter que trabalhar muito essa noite...” (1995, p. 173). Eram três homens para cada mulher. A caminhada dessas mulheres até a camarata onde ocorreria o ataque foi como o corredor de um matadouro por onde bois caminham para o abate. O chefe dos “maus cegos” que possuía uma pistola, ao apalpar a rapariga dos óculos escuros, disse: “Olá, saiu-nos a sorte grande, deste gado ainda cá não tinha aparecido” (1995, p. 176). Ao começarem os atos, tornam-se criaturas selvagens, dominadas pelos mais profundos instintos, submetendo aquelas mulheres aos seus abusos, humilhando-as e destruindo o mínimo de dignidade que ainda as restava. A mulher do oftalmologista, única a poder ver aquela cena de horror, de certo que preferia não enxergar; obrigada a colocar sua boca no sexo sujo do chefe daqueles cegos, pensou em matá-lo, no entanto, não tinha bom posicionamento para alcançar a arma que ele usava.

A mulher do médico inclinou-se para diante, com as pontas de dois dedos da mão direita segurou e levantou o sexo pegajoso do homem, a mão esquerda foi apoiar-se no chão, tocou nas calças, tateou, sentiu a dureza metálica e fria da pistola, Posso mata-lo, pensou. Não podia. Com as calças assim como estavam, enrodilhadas aos pés, era impossível chegar ao bolso onde a arma se encontrava. Não o posso matar agora, pensou (SARAMAGO, 1995, p. 177).

Há um retorno aos primórdios da humanidade e das civilizações, nos quais práticas como essa não eram tão incomuns.

Apesar desta passagem com atitudes marcadas pelo machismo, pode-se afirmar que este texto é escrito em uma perspectiva feminina, já que se dá pelos únicos olhos que veem, os olhos de uma mulher que, serve de guia para todos e todas e auxiliada pelo seu marido, lidera. É uma inversão da sociedade patriarcal, uma vez que na Bíblia, no Gênesis, há uma passagem em

que Javé diz a Adão que criou a mulher para ser sua auxiliadora. No livro de Saramago, em quase toda a descrição do romance, o marido da mulher que enxerga é dependente dela e há, inclusive, uma passagem em que ele comenta de quando precisou ir ao banheiro e ela o ajudou até a limpar-se.

Amanhecia quando os cegos malvados deixaram ir as mulheres. A cega das insónias teve de ser levada dali em braços pelas companheiras, que mal podiam, elas próprias arrastar. Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação em humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva (SARAMAGO, 1995, p. 178).

Esta violência às sete mulheres da primeira camarata resultou na morte daquela que possuía a saúde mais debilitada, a “cega das insónias”. Coube à esposa do oftalmologista limpar sua companheira e prepará-la para o enterro. Feito isso, ela ainda lavou as outras cinco que ali estavam vivas, depois a si mesma. Comprovando a sua importância naquele ambiente.

Quando o médico e o velho da venda preta entraram na camarata com a comida, não viram, não podiam ver, sete mulheres nuas, a cega das insónias estendida na cama, limpa como nunca estivera em toda a sua vida, enquanto outra mulher lavava, uma por uma, as sua companheiras, e depois a si própria (SARAMAGO, 1995, p. 181).

Na sequência do estupro coletivo das mulheres da primeira camarata, haverá um novo estupro com mulheres de outra repartição do prédio. A mulher do oftalmologista, infiltrada, vai junto com essas mulheres, armada com uma tesoura que lembrou-se tinha trazido com suas coisas para o manicômio, e desfere um golpe no chefe dos maus cegos cometendo assim um homicídio: “A tesoura enterrou-se com toda força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais” (1995, p. 185).

Mais uma vez, fica marcado o empoderamento da mulher que, retirando-se do papel de objeto e propriedade, ainda que através de um homicídio, realiza a ação que somente ela seria capaz de cometer contra os repressores daquele antigo hospício, pois era a única que enxergava. Há também a construção de novos sentidos para o que se pensaria como ética, pois mesmo uma pessoa de caráter exemplar também é capaz de atos de violência, dependendo da circunstância, e, justamente nessas circunstâncias, ninguém seria capaz de condená-la por tal atitude, ao contrário, apoiam-na. Entretanto, a aprovação ou não de certos comportamentos dependerão de quem os faz e contra quem se aplica. “E quando é que é necessário matar” (1995, p. 189), reflexão desta mulher logo após ao acontecimento.

A personagem protagonista, que embora seja empoderada por diversas circunstâncias, permanece, do início ao fim da narrativa, sendo chamada de “a mulher do oftalmologista”, Ela, mais uma vez numa posição de poder, organiza um ataque quase militar aos cegos que detém o poder, reunindo o maior número de homens dispostos a lutar e avança em direção ao combate. “...o sangue por cima do qual iam se arrastando era como mensageiro que lhes tivesse vindo dizer Eu era vida, atrás de mim já não há nada...” (1995, p. 202). O assalto acaba fracassando e resultando na morte de dois voluntários na luta pela sobrevivência. Outra mulher, antes salva pela esposa do médico, atira fogo nas camas que serviam de barreira à invasão dos cegos atacantes e como proteção da terceira camarata, ateando, sem querer, fogo em si mesma, dando fim a vida e ao reinado dos cegos da terceira camarata.

Começa pela cama de cima, a labareda lambe trabalhosamente a sujidade dos tecidos, enfim pega, agora a cama do meio, agora a cama de baixo, a mulher sentiu o cheiro dos próprios cabelos chamuscados, deve ter cuidado, ela é que deita fogo a pira, não a que nela deve morrer... desesperada meteu-se debaixo da primeira cama, passeou o isqueiro ao comprido do colchão, aqui, além, então de

repente as chamas multiplicaram-se... (SARAMAGO, 1995, p. 206-207).

Cabe mais uma vez a uma mulher a atitude de protagonizar um fato que modifique a situação de forma consistente.

À esposa do oftalmologista cabe, também, a função de anunciar que os portões do manicômio estão abertos e que não há mais guardas para mantê-los presos naquele local. Nesta passagem é possível ver a recriação simbólica de Moisés mandando os seus seguidores cruzarem o Mar Vermelho que havia secado por ordem de Deus e que, após a passagem dos hebreus, arrematou o exército egípcio: “Repreendeu, também, o Mar Vermelho, e este se secou, e os fez caminhar pelos abismos como pelo deserto” (Salmos 106:9).

Assim, é passando pelo portão eles alcançam a liberdade e, quanto ao fato de não haver mais soldados, há menção a esta passagem bíblica: “Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o mar retornou a sua força ao amanhecer, e os egípcios, ao fugirem, foram de encontro a ele, e o Senhor derrubou os egípcios no meio do mar” (Êxodo 14:27). “Então, para simplificar, aconteceu tudo ao mesmo tempo, a mulher do médico anunciou em voz alta que estavam livres...” (1995, p. 210).

Inicia-se, então, uma expedição perigosa para os cegos, pois se estavam presos no hospício ao menos já haviam se adaptado ao ambiente, o preço da liberdade deles era infiltrar-se no desconhecido.

Vai, estás livre, abre-se-lhe a porta que o separava do mundo, Vai, estás livre, tornamos a dizer-lhe, e ele não vai, ficou ali parado no meio da rua, ele e os outros ali assustados, não sabem para onde ir, é que não há comparação entre viver em um labirinto racional, como é, por definição um manicômio, e aventurar-se, sem mão de guia nem trela de cão, no labirinto chamado cidade... (SARAMAGO, 1995, p. 211).

Os olhos da narrativa servem como um misto de corredentora, de redentora e de Moisés daqueles que a seguem,

porém, sabendo ela que não poderia conduzir a todos e todas, deixa que alguns se percam naturalmente, guardando junto de si apenas aqueles os quais possuía intimidade: seu marido, a rapariga dos óculos escuros, o menino estrábico, o velho da venda preta, o primeiro cego e a sua esposa. Sete ao total. Este é um número muito relatado no Apocalipse: “O mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas.” (Apocalipse 1:20). E, de fato, os personagens de *Ensaio sobre a cegueira* se encontram uma situação distópica e pós-apocalíptica. A cidade está destruída e a sociedade arruinada. Mais uma vez, a simbologia vem dar sustento à interpretação, pois Eco disse:

Instaura-se aqui aquela dialética que minará do interior todo discurso místico, como se viu, dividido entre a inexauribilidade da própria experiência de interpretação e a necessidade de traduzir os próprios símbolos em significados socializáveis e comunicáveis. Por isso a Escritura é Figura e Sombra (ECO, 1991, p. 231).

Para muitos teólogos, Maria seria a corredentora dos homens por dar a luz ao Messias, apresentando a redenção das mulheres através da virgem, pois, até então, a expulsão da humanidade do Paraíso deu-se por um pecado cometido por Eva que também induziu Adão a fazê-lo. A esposa do médico também pode simbolizar o Messias, por ela ser o pastor das ovelhas, no caso os cegos, e orientá-los por onde devem ir, contraindo para si mesma o maior dos sacrifícios, a cruz do sofrimento de ver a devastação do mundo e da sociedade, a visão dos seres humanos agindo como bichos sem orientação, imundos e vulneráveis a tudo que os rodeiam.

É uma versão distópica e pós-apocalíptica de um mundo já doente, mas ainda assim um mundo mantido coeso, mesmo que incoerente. Como distopia, o que mais se observa em *Ensaio sobre a cegueira* são as esfes política e social, em que as estruturas de governo e de convivência entre as pessoas se desfizeram quase que

por completo, ou antes, se refizeram a partir de uma outra lógica. O conceito de distopia, como todo conceito logocêntrico, apresenta o seu oposto, nesse caso a utopia, mas aqui não tem importância pensar no mundo de perfeição e sim no mundo já em decadência e destruído, e a distopia em *Ensaio sobre a cegueira* é esta realidade muito ruim para ser verdade. Nesse tipo de literatura, é rejeitada a ideia de que os seres humanos podem atingir a perfeição, mas ainda devem deixar espaço para esperança, ou falham na sua missão de criticar (VIEIRA, 2010).

Num mundo em que a sociedade não mais funciona e o governo deixa de atuar, o que restaria à humanidade senão sua capacidade de ser responsável e agir responsabilmente para consigo e para com os outros. Assim, o que se observa em alguns personagens da primeira camarata é uma manutenção do conceito de responsabilidade em que tanto a ação quando a reação e seu resultado implicam em eventos imprevisíveis. Com o fim das estruturas cotidianas, o que resta é uma ética que deve funcionar apesar da ausência de instrumentos de regulação.

Algumas possibilidades de se pensar responsabilidade são discutidas por Jacques Derrida em seu texto *The Gift of Death* (1995) em que ele define o conceito de *tout autre* (totalmente outro). Na sua perspectiva, não existe, ou pelo menos ainda não, um sistema comum de valores e crenças que seja comum e ao mesmo tempo independente das idiosincrasias culturais, políticas, histórica, regionais e religiosas. Para ele, não se pode definir valores que sejam aceitos igualmente no nível individual e no nível coletivo, o que impossibilita uma responsabilidade igual em todas as esferas.

Tais colocações de Derrida implicam na reflexão de que o indivíduo é responsável tendo em vista o Outro (particular ou coletivo), de forma que só se é responsável porque existe todo um sistema de controle para tanto, seja ele religioso, legal, ou sentimental. Ser responsável apesar da ausência de forças sistemáticas é viver diante de uma aporia constante em que não existem dados que determinem se uma escolha está correta ou incorreta e o que ela vai resultar.

Talvez, então, a mulher do oftalmologista seja algo como uma representação de uma ética por vir, ainda a ser elaborada, uma vez que age diante das aporias mesmo que não tenha meio de avaliá-las, tentando sempre ser responsável com aqueles e aquelas que julga estarem sob sua proteção. Ela mata quando é preciso, ela esconde comida quando é preciso, ela abandona aqueles com quem não tem laços, ela age a partir de um ética das escolhas de possíveis que só se tornam possíveis pela própria impossibilidade. Essa mulher é também Moisés, quando leva aquele povo em busca da terra prometida, Canaã. Moisés enxergava à frente daqueles que o seguiam porque Deus era seus olhos diante do desconhecido, “Guiados por Deus, que ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, de noite numa coluna de fogo, chegaram todos ao Mar Vermelho”. Javé ia orientando o profeta, conversando com ele de forma direta e também através de mensagens. Deus, através de Moisés, provê o pão. A esposa do oftalmologista também provê o pão a todos e todas saindo em busca de comida e trazendo para os incapazes. Conforme Umberto Eco, “Difícil falar de Deus (enquanto se está formando a nova teologia), mas fácil falar das Escrituras: os textos estão lá. Exceto que as Escrituras são duas, a velha e a nova” (1991, p. 229).

“Olhou-os com os olhos rasos de lágrimas, ali estavam, dependiam dela como crianças pequenas dependem da mãe” (1995, p. 218). Assim volta a ser Maria, pois a virgem mãe de Jesus também era conhecida como a mãe da providência, conforme diz Frei Rinaldo:

O cântico, feito por ela na casa de Isabel, mostra muito bem de que lado ela escolheu ficar: do lado dos humildes, dos que passam fome e dos que temem a Deus. Além disso, ela se distanciou claramente dos orgulhosos, dos poderosos e dos ricos. Para Maria, ser do povo de Deus significava viver uma vida pobre e assumir a causa dos pobres, que é a causa da justiça e da libertação (STECANELA, 2013).

A esposa do médico assume a causa destes seis e não os abandona em nenhum momento, mesmo que sua sobrevivência se

tornasse bem mais fácil se o fizesse. Ela faz uma excursão solitária em busca de comida para alimentar a todos e todas, em meio ao caos de toda a civilização. Ela encontrou um mercado com um depósito que continuou fechado desde que se instaurou a epidemia generalizada, retirou o que podia carregar sozinha e tornou a fechar a porta do depósito para que os cegos desconhecidos não pudessem dali se alimentar. Sendo ela a representação de figuras cristãs, esta é uma crítica ao catolicismo que deixa muitos perecerem de fome, preservando apenas os “seus”. É a bondade sendo direcionada a quem lhes convém: “...tinha deixado a porta do armazém fechada, não estava muito segura das razões humanitárias que a si própria tinha dado...” (1995, p. 228).

“Os meus pais ficaram em casa quando a ambulância me foi buscar, não sei o que lhes terá sucedido depois...” (1995, p. 229), fala da rapariga dos óculos escuros, lembrando de sua família, o que seria contraditório, afinal, moça de família pelos costumes conservadores, era tudo o que ela não era, ela era garota de programa e estas, perante uma sociedade antiquada, eram como se nascidas do próprio ventre. Saramago desconstrói isto, demonstrando que a moça em questão, apesar da sua profissão, tinha preocupações semelhantes ou iguais a qualquer outra moça ou a qualquer outra pessoa. E já na Bíblia existia citações sobre prostituta e sua família:

Assim deu Josué vida à prostituta Raabe e à família de seu pai, e a tudo quanto tinha; e habitou no meio de Israel até ao dia de hoje; porquanto escondera os mensageiros que Josué tinha enviado a espiar a Jericó. (Josué 6:25)

“Começamos pela tua casa, que é a que está mais perto...” (1995 p. 229), assim disse a mulher do oftalmologista à rapariga dos óculos escuros. Logo após conseguirem roupas e dormirem, partiram em busca de tal residência. No trajeto, a visão do mundo é totalmente apocalíptica, museus, teatros, bibliotecas, tudo sem valor algum, pois não há apreciadores para tais locais, sem mencionar a destruição do espaço urbano e a sugidade. Os outros

cegos, que não fazem parte deste seletivo grupo no qual há uma guia, estão todos perdidos, vagando como fantasmas em busca de comida, a morte está em todos os cantos. Como se os outros não criaturas escolhidas por Deus para a salvação, lutam com suas próprias forças pela sobrevivência.

O mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete Igrejas (Apocalipse 1:20).

É possível ver estes sete personagens simbolizando os sete anjos do apocalipse nesta visão terrível da cegueira de luz. Para os outros, talvez fique: “Nada temas das coisas que há de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até a morte e dar-te-ei te a coroa da vida” (Apocalipse 2:10). Pois, sabe-se que, no desfecho do enredo, voltam a enxergar estes assolados, como se pudessem finalmente chegar no paraíso.

“Que número tem o teu prédio, perguntou a mulher do médico, É o sete, moro no segundo esquerdo” (1995, p. 234), diálogo que antecede a entrada na moradia da família da moça. Nenhum parente foi encontrado, a rapariga chora.

...não tivéssemos nós aprendido o suficiente do complicado que é o espírito humano, e estranharíamos que queira tanto a seus pais, ao ponto destas demonstrações de dor, uma rapariga de costumes tão livres, embora não existe nem existiu nunca qualquer contradição entre isto e aquilo... (SARAMAGO, 1995, p. 235).

Neste trecho acima, a ilustração completa do que anteriormente foi dito sobre essa moça e sua relação com a família e expresso, mais uma vez, pela voz do narrador. E novamente está ali a esposa do médico a consolar a rapariga, como se fosse sua própria mãe, remetendo novamente a Maria.

Não chores, que outras palavras se podem dizer, as lágrimas que sentido têm quando o mundo perdeu todo o sentido. No quarto da rapariga, sobre a cômoda, havia uma jarra de vidro com flores já secas, a água evaporara-se, foi para lá que as mãos cegas se dirigiram, os dedos roçaram as pétalas mortas, como a vida é frágil, se a abandonam (SARAMAGO, 1995, p. 238).

Mesmo não tendo encontrado o que queriam por ali, resolvem passar a noite no apartamento. A rapariga, talvez pela mesma razão que a maioria das pessoas após passarem anos de sua vida longe de sua terra natal, perto da morte, querem vê-la de novo e ali permanecerem sob qualquer circunstância, quer ficar naquela casa, a sua casa. A esposa do médico conversa com ela para convencê-la do contrário. E, outra vez, esta última abraça todos e todas e diz que quer levar todo o grupo para a sua casa.

...hoje é hoje, amanhã é amanhã... é hoje que tenho responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam, Não podes guiar nem dar de comer a todos os cegos do mundo, Deveria, Mas não podes, Ajudarei no que estiver ao meu alcance... (SARAMAGO, 1995, p. 241).

Fica evidente a preocupação altruísta desta personagem, apresentando um comportamento de responsabilidade para com o Outro, característica que independe de religião. Assim como Moisés, que recebeu os dez mandamentos direto de Deus e tentava cumpri-los um a um, esta personagem ao desenrolar da trama também o faz. A situação a qual o grupo se encontra é deprimente, todos os serviços, que antes eram tão comuns e muitas vezes não tinham sua real importância reconhecida, não funcionam. “Não há água, não há eletricidade, não há abastecimentos, encontramos no caos autêntico deve ser isto...” (1995, p. 244). Também não há governo, um dos supostamente firmes pilares da sociedade atual.

O grupo se retira desse apartamento e vai à busca da casa do médico. No caminho, o narrador faz uma menção ao que aconteceu com esta sociedade, seu presidente. Uma colocação

diferente até então do que vinha acontecendo, pois o narrador se desprende do alcance da visão da protagonista, como em Gênesis, na Bíblia, livro no qual há um narrador que conta os feitos de Deus de forma direta, sem um interceptor, no caso um profeta. O narrador da obra de Saramago, inclusive cita um pedaço de Gênesis 1:1;2: “No princípio Deus criou os céus e terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo, e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas...” (1995, p. 253). Mas este recurso do narrador, ao contrário de Gênesis, que fala do início, é para contar o fim, o apocalipse e, em vez de trazer a luz com esclarecimento, traz a luz com o obscurantismo e horror.

Ao chegarem à casa do oftalmologista, o narrador diz o seguinte: “Foi portanto a uma espécie de paraíso que chegaram os sete peregrinos...” (1995, p. 257). Diferentemente de Moisés na Bíblia, a esposa do médico consegue levar os seus para a terra prometida, ainda que, para tanto, perca a visão.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Paris. Librairie Gallimard, 1970.

BÍBLIA On Line. **Bíblia**. Disponível em <<http://www.bibliaonline.com.br>> Acesso em: 29 de Set. de 2015

ECO, Umberto. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo. Editora Ática, 1991.

DERRIDA, Jacques. **The Gift of Death**. Chicago: University of Chicago, 1995.

RABONI, André. **Explicando O Modelo De Família Patriarcal**. Disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/artigos/explicando-o-modelo-de-familia-patriarcal/>> Acesso em: 29 de Set. de 2015.

SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

STECANELA, Rinaldo. **Maria, mãe da providência**. Disponível em:

<http://catolicanet.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=554:maria-mae-da-providencia&catid=66:maria&Itemid=137> Acesso em: 29 de Set. de 2015.

VIEIRA, Fátima. The concept of utopia. In: CLAEYS, Gregory (ed.). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge UP, 2010, p.3-27.

Recebido em 06 de abril de 2017.

Aprovado em 05 de julho de 2017.